



40 ANOS

DA GREVE NA SCANIA

ARQUIVO / ESTADÃO CONTEÚDO



EM 12 DE MAIO DE 1978, OS TRABALHADORES NA SCANIA, EM SÃO BERNARDO, CRUZARAM OS BRAÇOS E DERAM INÍCIO AO MOVIMENTO QUE ENFRENTOU A DITADURA MILITAR E PROJETO O ABC NA LUTA PELA DEMOCRACIA NO BRASIL.



No dia 12 de maio de 1978, todos os trabalhadores na Scania cruzaram os braços e deram início ao movimento que colocou o ABC na cena política nacional

GREVE NA SCANIA

Quatro décadas de resistência e enfrentamento às ditaduras

“A GREVE ALASTROU-SE...

OS COMPANHEIROS NA FORD PARAM,
MERCEDDES PARA, FOI PARANDO TUDO...
150 MIL TRABALHADORES PARARAM
AS FÁBRICAS, OS EMPRESÁRIOS CEDERAM
E SURTIU UM NOVO ‘BISSÍLABO’
NA POLÍTICA BRASILEIRA: LULA”

Há 40 anos, no dia 12 de maio de 1978, os trabalhadores na Scania cruzaram os braços e enfrentaram a ditadura militar no Brasil, que proibia greve por meio de mecanismos determinados pela Lei 4330 de 1964. Coincidentemente o mesmo número da Lei da Terceirização.

O inspetor de qualidade na Scania, Augusto Cássio Portugal Gomes, trabalhador na montadora a época, fez um resgate histórico à **Tribuna** desta greve simbólica, que marcou o movimento sindical brasileiro e projetou o ABC na cena política nacional. O presidente do Sindicato era Luiz Inácio Lula da Silva, que se recusou a parar a greve por considerar a reivindicação dos companheiros justa.

Tribuna – Como era o clima político no Brasil em 1978?

Augusto Portugal – A conjuntura política da época, em 1976 e 1977, começava a mudar. Era governo (Ernesto) Geisel, o movimento estudantil, em 1977, foi pra rua, fez um monte de agito e isso repercutia dentro da fábrica. A peãozada ia pra cidade e via passeata, muita gente lia jornal, o Sindicato já tinha uma direção diferenciada.

Era um clima de mobilização, aprendido inclusive na luta por essa diretoria, encabeçada pelo Lula, com esse clima todo que existia na sociedade de esgotamento da ditadura, todo mundo de saco cheio, campanha pela anistia.

TM – Como eram os debates na fábrica e a relação com o Sindicato?

Portugal – A Scania tinha uma tradição em debate na fábrica. O Afonso Monteiro da Cruz foi presidente do Sindicato e era da Scania, o Derly (José de Carvalho) foi da Scania antes de 64, o Raul (Rodrigues da Silva) era da diretoria. Apesar de todos os esquemas repressivos que existiam dentro das fábricas, se comparada ao que havia na Volks e na Ford, na Scania era menor até a greve.

TM – Qual era a reivindicação dos trabalhadores?

Portugal – A nossa questão era o reajuste de salário e a reivindicação de 20% de aumento. Em 1977, a gente começou a desenvolver a campanha dos 34,1%, que era a manipulação dos índices da inflação de 1973 e 1974, que o Banco Mundial e o Dieese tinham denunciado. Fizemos uma relação de tudo de ruim e o documento foi assinado por quase mil traba-

lhadores e uma ação: "ninguém come no refeitório", fomos pro refeitório, pegamos a bandeja e deixamos lá. Tinha várias lutas acontecendo, a ferramentaria da Ford e o setor de empilhadeira da Mercedes pararam antes da Scania.

TM – O que aconteceu no dia 12 de maio de 1978?

Portugal – Éramos jovens entre 25 e 26 anos, aquele gosto de sangue na boca e já tinha essa disposição e uma militância dentro da fábrica, pastoral operária, ativistas sindicalistas, eu, o Gilson (Menezes) e o Severino (Alves da Silva), que já tinham um trabalho anterior, o Manoel Anísio. Com isso, nós na Scania, também por ter uma característica de ser um pouco mais suave naquele momento em relação à Volks e à Ford, resolvemos fazer a greve.

TM – O que você quer dizer com ‘mais suave’?

Portugal – Tinha polícia dentro da fábrica, tanto que a minha documentação, no Arquivo Nacional e no Arquivo do Estado, mostra a assembleia da Scania no dia da greve relatada inteira. Enfim, a polícia estava lá, mas estava infiltrada, não fazia uma repressão ostensiva como fazia na Volks e em outras.

TM – Como foi pensada a estratégia da greve?

Portugal – Analisamos que teria que ser uma greve que pegasse a empresa de surpresa. Vamos fazer uma greve de final de semana, a gente entra em greve na sexta, não faz nenhuma agitação, organiza os ônibus, as seções e se achar que deve, para na sexta. No dia anterior à greve, ligamos para o Julinho de Grammont, que trabalhava na Folha de S. Paulo e era setorista no ABC e pedimos a cobertura da imprensa porque poderia ter repressão.

TM – E o dia 12 de maio, como foi?

Portugal – Fizemos a greve na sexta, entramos na fábrica, a imprensa lá fora, maior silêncio lá dentro, cada um no seu setor, parou a ferramentaria e foi parando todo mundo, que era o combinado. A ‘chefaiada’ desnorteada, alguns até riam, de nervoso, não acreditavam no que estavam vendo. A fábrica inteira parada. No dia anterior, o Gilson ligou para o Lula e para a diretoria avisando que íamos parar. Não acreditaram. O movimento foi espontâneo, na medida em que não foi organizado pelo Sindicato, mas foi fruto do movimento dos trabalhadores e do Sindicato porque criou o ambiente.

TM – Qual foi o impacto da greve na categoria?

Portugal – A Scania foi a empresa onde os trabalhadores conseguiram traduzir, materializar um sentimento que era generalizado. Tinha debate político sobre ditadura e sobre as perdas que a ditadura causava especialmente aos trabalhadores. Ou a gente para essa ‘bagaça’ ou dificilmente a gente consegue reunir força no Brasil para empurrar essa ditadura pra fora de cena.

TM – Qual o desfecho da paralisação?

Portugal – Ficamos dois dias parados: sexta e segunda. Na terça, a assembleia decidiu a volta ao trabalho, com a condição de negociar a nossa pauta. Já tinha acertado com a Scania. Lula foi chamado para negociar. A Scania ofereceu, por escrito, o aumento de 20% acima do índice do reajuste imposto pelo governo, nós aplaudimos e a greve foi encerrada.

TM – Como os outros padrões reagiram?

Portugal – Fomos homologar o acordo na Delegacia Regional do Trabalho, a DRT,

em São Paulo, quando chegamos, estavam representantes da Ford, Mercedes, Volks, o Mario Gadelha, que era o presidente do sindicato da indústria automobilística, o cara da Fiesp. Disseram para o (Inge) Lunerdal, que era o diretor da Scania, ‘não tem acordo’. Você não pode manter esse acordo porque as nossas empresas não querem.

TM – Como isso repercutiu na fábrica?

Portugal – Quando o pessoal na Scania ficou sabendo que voltaram atrás, achou que tínhamos traído eles. Ficou o Sindicato como traidor.

TM – E como isso refletiu na categoria?

Portugal – A greve alastrou-se. No que a Scania recua, os companheiros na Ford param, Mercedes para, foi parando tudo. E foi graças a essa solidariedade que fizeram a Anfavea voltar atrás e aceitar cumprir o acordo. Cerca de 150 mil trabalhadores pararam as fábricas, os empresários cederam e surgiu um novo ‘bissilabo’ na política brasileira: Lula.

TM – Alguém foi demitido na greve?

Portugal – Dois meses depois sim. Entre o começo da repressão na segunda, dia 15, até a demissão de quase 300 trabalhadores, em junho ou julho, começou uma coisa de perseguição mesmo, de isolar setores, de botar placa na frente de algumas seções para não ter comunicação.

TM – Passados 40 anos da greve, como você avalia o movimento, o enfrentamento da ditadura?

Portugal – Já existia um grande processo de transição da ditadura para um regime democrático negociado ‘lento, gradual e seguro’ como diziam. Se não fosse essa radicalidade do povo, dos trabalhadores, essa coisa de não fazer a transição e a política nos gabinetes, de ir para a rua, reivindicar o que é seu, fazer a luta, com milhares, milhões, com todo o País, cozeiro, professor, médico, metalúrgico, boia-fria, estudante, teria sido uma transição pior do que a que foi.

Estamos colhendo hoje uma transição que não se completou da ditadura para a democracia. A polícia militar continua aí, a força pública que virou uma polícia militarizada continua, os torturadores não foram identificados e julgados para serem ou não condenados. O exército continua na Constituição, com seu papel de garantia da lei e da ordem, exigência dos militares na Constituição de 88.

Fizemos uma transição muito meia boca, com monopólio da imprensa, lei da Anistia até hoje sendo julgada, uma reforma agrária que não foi completada, que virou fator de mais expulsão do campo porque está mecanizando, enfim, tivemos uma transição muito incompleta. Temos democracia de muito baixa intensidade e muito permeável a mecanismos como esse de um golpe parlamentar judicial midiático dentro da lei.

Perfil



Nascido em 1952, Augusto Cássio Portugal Gomes fez curso de ajustador mecânico no Senai e estudou geografia na Universidade de São Paulo, USP, na década de 1970.

Militante político e presidente do Centro Acadêmico, foi preso algumas vezes pelo Departamento de Ordem Política e Social, o Dops. Em 1976, começou a trabalhar na Scania como inspetor de qualidade. Daí até entrar no Sindicato foi um pulo.

O jovem agitador que curti Beatles e Rolling Stones também era amante do teatro e foi justamente essa atividade cultural somada à militância política que o puxou para dentro do Sindicato.

Logo se integrou ao grupo de teatro dos Metalúrgicos do ABC, o Ferramenta, e não deixou mais a atividade sindical. Fez parte do ‘grupo dos 16’ companheiros indicados pela diretoria de Lula para tocar o movimento se acontecesse algo com os integrantes eleitos, o que de fato aconteceu.

Foi fundador e secretário-geral do Fundo de Greve. Hoje integra a AMA-A ABC, Associação dos Metalúrgicos Anistiados e Anistiandos do ABC.

Encontro de gerações: o CSE na Scania, Rafael Fuke Jobb, o Japa, e Augusto Portugal, durante entrevista à Tribuna que relembrou a greve de 78, na montadora



Tribuna Esportiva

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Corinthians e Palmeiras voltam a se enfrentar após a polêmica na final do **Paulistão**. O **Verdão** chegou a oito jogos de invencibilidade.



A diretoria do **Santos** negocia com quatro jogadores em um pacote de reforços para julho, quando a janela de transferência internacional será reaberta.



De quase negociado com o **Vasco**, **Diego Souza** passou a artilheiro do **São Paulo**, com cinco gols. "Precisava de confiança e de sequência", disse.

BRASILEIRÃO

DOMINGO – 16H
Corinthians x Palmeiras
Arena Corinthians

DOMINGO – 16H
Bahia x São Paulo
Salvador-BA

DOMINGO – 19H
Santos x Paraná
Vila Belmiro



Vivemos um momento de ataques. As reformas Trabalhista e da Previdência, a terceirização e a PEC dos Gastos, que prejudica a saúde e a educação.

O aumento da intolerância na própria família e na sociedade. O ressurgimento do fascismo escancarado, o aumento de políticas conservadoras, como a permissão do porte de armas para os jagunços que protegem as grandes propriedades rurais.

O aumento das mortes daqueles que lutam por reforma agrária, reforma urbana, direito à moradia e direitos sociais em um verdadeiro 'esquerdicídio'.

A partidarização e a parcialidade do sistema judiciário, que mantém Lula, a nossa

maior liderança, preso.

O governo ilegítimo que entrega o patrimônio nacional, o Pré-Sal e Eletrobras e os Correios.

A parcialidade da imprensa comercial no papel de defender essas ideias de país, além do seu envolvimento direto no golpe, ainda em curso, contra a classe trabalhadora.

A maior potência armada econômica do mundo, os Estados Unidos, conduzida por um inconsequente Donald Trump.

O descaso do Estado com as pessoas que dependem de políticas públicas. O aumento de pedintes nos faróis, revelando o aumento da pobreza e do individualismo.

Infelizmente é essa conjuntura que marca os 59 anos de existência do nosso Sindicato

dos Metalúrgicos do ABC, que tem na sua origem e na sua prática cotidiana ações e concepções de combate a todas essas mazelas.

Lutamos por democracia, por inclusão social, igualdade de jovens, negros, mulheres, LGBT. Defendemos a redução da pobreza e da miséria. Acreditamos que a nossa categoria só vai ser realmente forte se o País estiver bem, se as nossas famílias estiverem bem.

Todas essas questões nos fazem lutar no dia a dia para construir, de fato, um Brasil melhor para os trabalhadores e trabalhadoras.

À luta, companheiros e companheiras.

Wagner Santana, o Wagnão
Presidente do Sindicato

Notas e recados

FOTOS: DIVULGAÇÃO



LUTA POR MORADIA – 1

Milhares de trabalhadores que moram em ocupações realizaram, no último dia 9, ato em São Paulo, pelas vítimas do edifício Milton Paes de Almeida.



LUTA POR MORADIA – 2

A manifestação em solidariedade pediu o fim da criminalização dos movimentos que lutam por moradia e políticas públicas para a habitação popular.



FRAUDE NAS MERENDAS

O secretário de Assuntos Governamentais de São Bernardo, Carlos Roberto Maciel, pediu exoneração após acusações de fraudes em licitações de merendas.



PELA IGUALDADE DE GÊNERO

O ator britânico Benedict Cumberbatch, protagonista do filme *Doctor Strange*, afirmou que irá rejeitar papéis se não pagarem o mesmo às atrizes.



ARGENTINA PEDE SOCORRO

Sob o comando de Mauricio Macri, com o dólar a 23 pesos, a Argentina voltou a pedir ajuda ao FMI. A última vez que o país recorreu ao Fundo foi em 2003.

COMITÊ POPULAR DE NEGROS E NEGRAS DO ABC/DMRR **COMISSÃO DE IGUALDADE RACIAL**

convidam para a atividade:

130 anos de abolição inacabada
Marielle Vive; Anderson, Presente e Lula Livre!

"Essa é uma data para marcar a continuidade da nossa resistência com a luta incessante do movimento negro para ocupar os espaços dominados pela elite branca. Não podemos deixar que guerreiros da nossa luta como a vereadora Marielle sejam silenciados. Vamos resistir juntos e sempre!", José Laelson de Oliveira, o Leo Superliga, coordenador da Comissão de Igualdade Racial e Combate ao Racismo do Sindicato.

Lançamento do livro "Reflexos de Resistência", de Joselício Junior (Juninho)

Segunda, 14 de maio, às 18h

Espaço Celso Daniel
Rua João Lotto, 16
Centro - São Bernardo

A EMBRAER É NOSSA!

A Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT, a FEM-CUT, participa na próxima terça-feira, 15, às 16h, de ato em frente ao Paço Municipal de São José dos Campos, contra a venda da Embraer para a Boeing.